

**TEMPOS PARA VÍNCULOS E PARA A COMUNICAÇÃO ECOLÓGICA:
PEQUENOS GRUPOS DE FÉ ALÉM DOS TEMPLOS¹**

**TIMES FOR BONDS AND FOR ECOLOGICAL COMMUNICATION
SMALL GROUPS OF FAITH BEYOND THE TEMPLES**

Isabella Pichiguelli²

Resumo

Neste artigo, o objetivo é compreender quais as possibilidades para a comunicação e para a criação de vínculos comunitários nas vivências de um pequeno grupo formado por participantes de uma comunidade eclesial protestante, que se reúne semanalmente fora do espaço-tempo de culto oficial da instituição religiosa que frequentam. Trata-se de um estudo de caráter empírico, guiado metodologicamente pela participação observante (Peruzzo, 2017) e com amparo teórico que se organiza a partir de Vicente Romano (2004), Norval Baitello Junior (2002; 2012) e Jorge Miklos (2010; 2018). Como principal resultado, identificam-se processos comunicacionais ecológicos, na contramão da predominante mediação comunicativa em ambientes / grupos religiosos.

Palavras-chave: Ecologia da Comunicação. Comunicação e Religião. Pequenos grupos de fé.

Abstract

In this paper, the aim is to understand the possibilities for communication and the creation of community bonds in the experiences of a small group formed by participants of a Protestant ecclesiastical community that meets weekly outside the space-time of official cult of the religious institution that they frequent. It is an empirical study, methodologically guided by observing participation (Peruzzo, 2017) and with theoretical support that is organized from Vicente Romano (2004), Norval Baitello Junior (2002, 2012) and Jorge Miklos (2010, 2018). As the main result, ecological communication processes are identified, in opposition to the predominant communicative mediation in religious environments / groups.

Keywords: Ecology of Communication. Communication and Religion. Small groups of faith.

Julgo que o critério para saber se a transcendência é boa, se potencia o ser humano ou o diminui, está na resposta que damos a essa pergunta: em que medida tal experiência ajuda a enriquecer e a assumir o cotidiano?
(BOFF, 2000, p. 20).

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Ecologia Comunicativa Comunitária, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

² Mestra em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba – Uniso. Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade de Sorocaba – Uniso.

1. As dúvidas e o pequeno grupo de fé

Neste artigo, nos propomos a utilizar a base da ementa do Grupo de Trabalho Ecologia Comunicativa Comunitária, do VI Congresso Internacional de Comunicação e Cultura, para pensar nosso objeto de estudo, que se concentra, como recorte de pesquisa, nas vivências de um pequeno grupo formado por participantes de uma comunidade eclesial protestante. Com reuniões semanais, fora do espaço-tempo de culto oficial da instituição religiosa que frequentam, portanto, de maneira informal, o pequeno grupo compartilha momentos juntos. Quase sempre ao redor de uma mesa ou acomodados em sofás na sala da casa de algum integrante, os participantes comem, bebem, falam sobre suas vidas, refletem/debatem a respeito de algum assunto, fazem pedidos para oração, oram coletivamente, entre outras vivências que ao longo deste trabalho serão detalhadas.

Diante desse quadro, surgem as dúvidas. As questões que movem esta pesquisa são: nos encontros de um pequeno grupo de fé, quais são as possibilidades para a comunicação e para a criação de vínculos comunitários? Qual o papel da comunicação presencial e do corpo nas relações vivenciadas durante estes encontros? Quais são as estratégias comunicativas que criam (se é que criam) uma vida em comum entre os membros deste pequeno grupo?

A partir destes questionamentos, traçamos o objetivo geral da pesquisa: compreender se é possível identificar uma ecologia comunicativa comunitária nos encontros deste grupo de pessoas. Nossos objetivos específicos são: compreender de que maneira acontecem as vinculações e as vivências comunicativas nos encontros de um pequeno grupo de fé; entender de que modo o corpo e a comunicação presencial atuam nessas reuniões; e apreender se e de que forma processos comunicacionais operam, entre aqueles que frequentam os encontros do pequeno grupo, na criação de uma vida em comum.

Para atingir tais objetivos, que caracterizam um estudo de cunho empírico, foram utilizadas as diretrizes metodológicas da participação observante, na qual “o investigador interage como participante do grupo” e se prevê que “o vínculo do pesquisador com o grupo investigado pode ser anterior” ao início da pesquisa (Peruzzo, 2017, p. 178), aspectos que coincidem com as características desta investigação e que constituem, também, o critério para a delimitação do corpus de pesquisa aqui apresentado. No tocante ao corpus, a propósito, em preservação às identidades dos demais envolvidos na questão, a descrição ficará circunscrita

somente ao que já foi mencionado: concentra-se nos encontros semanais de um pequeno grupo composto por integrantes de uma comunidade eclesial protestante.

Como principais referências e noções teóricas para a pesquisa, a partir das quais outras se desdobram, apontamos três autores que convergem em seus pressupostos e discussões, cada qual com uma ênfase que interessa a este trabalho, em razão dos objetivos traçados:

a) Vicente Romano (2004), que destaca o aspecto ambiental – de um ambiente que favoreça a preservação, e não a destruição, tanto das relações humanas quanto do planeta – com suas premissas acerca da Ecologia da Comunicação, apontando a importância da comunicação primária do corpo nos processos comunicativos e denunciando as consequências negativas, inclusive em termos espirituais e sociais, da predominância de uma comunicação guiada por uma lógica técnico-econômica, na qual se fazem onipresentes os aparatos eletrônicos denominados como “meios de comunicação”;

b) Jorge Miklos (2010; 2013; 2018), que destaca o aspecto religioso da comunicação, com seus ensinamentos acerca do *religare* como evento comunicativo por excelência, no qual a presença do corpo é indispensável e leva a uma perspectiva religiosa horizontalizada, direcionada não somente ao divino que se imagina acima dos seres humanos, mas voltada também aos próprios seres humanos; em contraponto às experiências religiosas que seguem a lógica técnico-econômica, a exemplo da ciber-religião e das religiões midiáticas;

c) Norval Baitello Jr. (2002; 2012), que destaca o aspecto da potência comunicacional (ou impotência), indicando, de igual modo, as contradições de uma comunicação gerida pela lógica técnico-econômica, ao pontuar que os excessos de informação, tecnologia, visibilidade, acabam por produzir massivamente o oposto do que objetivam: geram incomunicabilidade.

2. Os passos e as direções do caminho

Afirma Cicilia Peruzzo que, independentemente das técnicas empregadas, o que se requer, na metodologia da participação observante, é que a investigação seja processada com base em questões / problemas de pesquisa com sua correspondente fundamentação teórica, de modo que seja possível a percepção do objeto de estudo por meio do estabelecimento de relações entre o todo e suas partes. Para a autora, a pesquisa participante

se ancora na inter-relação entre o pesquisador e a situação ou grupo estudado, e dessa relação depende a compreensão do ‘fenômeno’ em sua

essência, por intermédio das suas características, da teia de relações (processos) que o constitui e das estruturas que lhe dão forma e existência (Peruzzo, 2017, p. 188).

Desse modo, diante dos objetivos deste trabalho, antes de focarmos no “fenômeno” em questão, cabe especificarmos os pressupostos teóricos que norteiam essa pesquisa.

Partimos do entendimento de que há uma lógica, de teor técnico-econômico, predominante no mundo, e que abarca também as instâncias e os processos de comunicação. Isso implica afirmar que, de forma hegemônica e com os efeitos que trazem a reboque, as práticas comunicacionais hoje existentes atendem aos mecanismos e propósitos do instrumentalismo (o que importa é ser útil) e do lucro (o que importa é ser rentável).

Nas palavras de Vicente Romano (2004, p. 150):

De modo análogo ao que aconteceu com a dominação da natureza graças aos avanços da tecnologia e da industrialização durante os últimos 150 anos, domínio que se traduziu em um experimento falido, também se pode observar uma experiência semelhante na esfera da comunicação. É verdade que a comunicação deve ser otimizada tecnicamente, mas a dominância dos processos comunicativos por meio da racionalidade técnico-econômica também pode ter consequências não desejadas.

Como consequências desse contexto, Romano (2004) aponta para um desequilíbrio na homeostase espiritual interna de cada pessoa, para a diminuição dos relacionamentos humanos e para a solidão. A presença de cada um, e a capacidade de estar presente, se perde no espaço-tempo, que é colonizado “pelos monólogos permanentes da técnica” (p. 145).

O teórico explica que nosso ritmo de vida já não é mais guiado pelo compasso cíclico da natureza, como o nascer do sol ou o anoitecer, mas pelo ideal – em estreita ligação com a racionalidade técnico-econômica – da vida ativa ininterrupta: “Por isso se divide, organiza e comercializa também o tempo livre. Os parâmetros do tempo livre não são o descanso, recreio, estímulo, mas os quilômetros que se percorreu e os *souvenirs*” (Romano, 2002, p. 3).

Vive-se, assim, em um tempo dos excessos, como denomina Norval Baitello Junior. Na superabundância de luz, de ordem, de zelo, de visibilidade, de informação e de tecnologia. Nessa perspectiva, a comunicação é compreendida como ferramenta, em uma via unilateral: “há metas a atingir, e o outro é visto como objeto de conquista” (Baitello Jr., 2017, p. 12). Nesse movimento, entretanto, acaba-se por produzir o oposto do que se objetiva:

Quanto mais se aperfeiçoam os recursos, as técnicas e as possibilidades que o homem tem de se comunicar com o mundo, com os outros homens e

consigo mesmo, aumenta também, em idêntica proporção, as suas incapacidades, suas lacunas, seu boicote, seus entraves ao mesmo processo, ampliando um território tão antigo quanto esquecido, o território da incomunicação humana (Baitello Jr., 2002, p. 1).

O território da incomunicação é o lugar do vazio. Do abismo que faz separação entre cada ser humano e um outro, conforme o autor. Preencher este buraco é obra da comunicação, que ao contrário do que parece frente aos excessos mencionados, não ocorre com frequência: “preencher o abismo é um trabalho insano e inglório, como enxugar gelo ou esvaziar um rio. Há apenas lampejos de um fugaz preenchimento, pontes fugazes que nos levam até o outro, transpondo por breves relances o vazio do abismo” (Baitello Jr., 2012, p. 60).

Nessa construção de pontes entre o eu e o outro, que por estarem no entre, no meio, recebem o nome de mídias, não é a perspectiva da utilidade e da lucratividade do ser e fazer, própria da racionalidade técnico-econômica que produz excessos, aquela que fornece a trilha: “Para Norval Baitello Júnior, a matéria-prima da comunicação é o afeto, constituidor de vínculos. Afeto é a palavra latina para ‘pathos’, do grego, que abarca sentimentos tanto positivos quanto negativos (informação verbal)” (Silva, 2018, p. 3).

No alinhavo dessa conjuntura, e ao mesmo tempo no esmiuçar de seus fios, encontramos o esclarecimento de Jorge Miklos (2013, p. 12):

O enfraquecimento dos vínculos sociais, ao passo que constitui uma defesa contra a dependência do outro, aumenta o isolamento e a solidão. Satelitizado pelos meios de comunicação, cercado por aparatos tecnológicos de última geração, o sujeito encontra-se “em rede”, conectado ao todo, mas opera suas relações sociais a partir de um *bunker* que revela a natureza dessas: deseja falar ao outro para exibir-se e até gozar de intimidade instantânea; mas impede a aproximação na esfera presencial.

Para o autor, também as instâncias da religião aderiram à lógica mercadológica, mecanicista. Um dos resultados mais aparentes são as religiões midiaticizadas, ou seja, religiões que não apenas estão nas mídias, como uma cerimônia religiosa que é transmitida pela TV, mas apropriam-se da linguagem, do modo de fazer dos aparatos tecnológicos conhecidos como meios de comunicação, os quais, nesse processo, também são atravessados pelas características próprias das religiões:

A mútua contaminação entre os meios de comunicação eletrônicos e religião deu-se pela afinidade de ambos. Ora sob a justificativa da conversão, as igrejas passaram a utilizar a mídia eletrônica como estratégia de proselitismo, ora pelo fascínio que a técnica exerce sobre a cultura. As

igrejas procuram utilizar os meios de comunicação eletrônicos em favor da fé e aliar o digital e o espiritual em busca de espaços nos quais as expressões de fé não atuem apenas no campo simbólico e ritualístico materiais, como nas igrejas, mas como poderoso coadjuvante no dia-a-dia do crente, atuando como um conforto nas horas em que não se pode vivenciar um contato concreto (Miklos, 2012, p. 3).

Em contraponto às associações entre religião e midiaticização (as mídias em função da lógica técnico-econômica), Miklos (2010) aponta as relações entre comunicação e religião, cuja raiz etimológica é o ponto de partida dos paralelos possíveis, pois que o termo *religare* une o prefixo *re* – que denota o movimento da repetição, do acontecer novamente – e o verbo *ligare* – que possui o sentido de juntar, congregar; acontecimento que pode se dar nos âmbitos religiosos, mas também fora deles. Para Miklos (2010), nesse sentido, o *religare* “é a forma primeira de vínculo, concebida não só como vínculo entre os homens e seus deuses, mas especialmente entre os próprios homens” (p. 20).

Essa conexão com o próximo se dá porque no *religare* “há uma amplificação da consciência que fatalmente lança o ego para além da sua condição de indivíduo isolado e limitado. Esse além é a transcendência” (Miklos, 2010, p. 12).

Para Boff (2000), transcender é romper barreiras, ultrapassar os círculos fechados que aprisionam, ganhar sentido para o que antes não havia. Essa experiência, porém, não é necessariamente apartada do cotidiano, de forma contrária ao entendimento encontrado na tradição dogmática de instituições religiosas protestantes³ – dentre as quais o objeto de estudo deste trabalho se insere – que coloca em lados opostos termos como sagrado/profano, transcendência/imanência (Pichiguelli; Silva, 2017b).

A essa tradição da dualidade, entretanto, Boff (2000) contrapõe outra visão, ao afirmar que “para o cristianismo, o importante não é a transcendência nem a imanência. É a transparência, que é a presença da transcendência dentro da imanência. Não é a epifania, o Deus que vem e se anuncia. É a diafania, o Deus que, de dentro, emerge para fora” (p. 30-31), uma vez que, na narrativa bíblica, Jesus é Deus encarnado, Deus com corpo, como um de nós.

No reconhecimento do corpo é que se torna possível o *religare* (Miklos, 2010) e, portanto, a comunicação: “sobre o apagamento do corpo nas ciências da comunicação gostaria de repetir a frase do cientista político Harry Pross: ‘Toda comunicação começa no corpo e

³ É sempre importante enfatizar a diversidade das instituições religiosas protestantes (Scaranello, 2017; Cunha, 2017), que embora possuam a mesma fé – a cristã – não têm uma autoridade máxima ou uma teologia única. Quando mencionamos uma tradição dogmática de instituições religiosas protestantes, portanto, falamos dos posicionamentos estabelecidos hegemonicamente, e não de forma homogênea.

termina no corpo” (Baitello Jr., 2017, p. 13). O corpo é, assim, a mídia primeira, primária, essencial para a comunicação, não tanto pelos movimentos que executa, mas principalmente por despertar nossa capacidade de presença, de estar, por meio dos sentidos, recuperar o ser, na ciência de si e do próximo (Pichiguelli; Silva, 2017a).

Nas palavras de Baitello Jr. (2012, p. 61):

Todas essas coisas têm um forte impacto sobre nosso corpo e sua existência no mundo. Temos um tipo de existência quando nos comunicamos presencialmente, corpo a corpo, temos outro tipo de existência quando passamos nossa vida trocando mensagens escritas sobre suportes opacos e, por fim, existimos de uma terceira maneira quando nos colocamos diante de aparelhos que recebem sinais transmitidos por outros aparelhos, como telefone, rádio, televisão, *internet*, *tablets*, etc.

É por esse forte impacto sobre nosso corpo e sua existência no mundo, como vimos, que Romano (2004) propõe a comunicação ecológica como “suprema cultura comunicativa”, que deveria nortear “todas as ações comunicativas” (p. 153).

Para Romano (2004), é preciso resgatar os “lugares do tempo” (p. 17), os espaços que permitem que as pessoas se encontrem, estabeleçam contato umas com as outras – a exemplo das praças, dos pátios, das igrejas, entre outros – de modo que a comunicação não seja regida pelo técnico-econômico, no império dos monólogos e da unilateralidade, mas pelo equilíbrio proporcionado através da atenção aos aspectos ambientais e relacionais:

A comunicação ecológica implica atenção e sinceridade recíprocas, confiança e surge do respeito igualitário, desde o interlocutor. Corre paralela à renúncia ao uso da violência linguística, seja em expressão, entonação, velocidade etc. Subordina os interesses dos interlocutores aos da sua comunicação conjunta. Quem só pensa em si mesmo é irremediavelmente mal educado, por mais erudito que seja. A fundação de uma comunidade, a adaptação dos comunicadores à comunidade, pressupõe a adaptação de uns a outros (Romano, 2004, p. 153).

Nesse sentido, entendemos a importância de uma esfera de intimidade, familiaridade, para que os processos comunicacionais ganhem passagem (Pichiguelli, 2011), não mais como instrumentos para atingir metas, mas enquanto construção:

Para os sistemas social, econômico, político, cultural e comunicacional contemporâneos, é interessante que sejamos monotemáticos, unilaterais, maniqueístas e unidimensionais. Porém, cada ser humano carrega a herança de sua história pessoal e de sua memória coletiva. Somos seres poliédricos, plurais, diversos, complexos e indeterminados. O bem e o mal de uma vida

não se decidem a partir de princípios preestabelecidos: eles se decidem na complexidade da própria vida da qual se trata (Miklos; Rocco, 2018, p. 106).

Assim, perante a compreensão da multilateralidade e da coletividade da comunicação, retomamos nossos questionamentos: nos encontros semanais de um pequeno grupo de fé, quais são as possibilidades para a comunicação e para a criação de vínculos comunitários? Qual o papel da comunicação presencial e do corpo nas relações vivenciadas durante estes encontros? Quais são as estratégias comunicativas que criam (se é que criam) uma vida em comum entre os membros deste pequeno grupo? De modo geral: é possível identificar uma ecologia comunicativa comunitária nos encontros deste grupo de pessoas?

3. Fora dos tempos de culto nos templos

Conforme indicamos no início deste trabalho, preservando as identidades dos envolvidos, nosso corpus de pesquisa concentra-se nas reuniões de um pequeno grupo, formado por participantes de uma comunidade eclesial protestante, que se reúne semanalmente fora do espaço-tempo de culto oficial da instituição religiosa que frequentam.

A partir daqui, conforme orientação de Peruzzo (2017), apresentaremos as características desses encontros, as estruturas e processos que os possibilitam e os modelam, diante da participação observante realizada durante três semestres, entre 2017 e 2018.

Composto de 10 a 15 pessoas – a cada semestre, podem ocorrer variações – o grupo de nosso recorte de pesquisa é apenas um dos 11⁴ que derivam da instituição religiosa, autodenominada Comunidade. A participação em um dos grupos é voluntária, depende da manifestação de interesse pessoal, embora seja incentivada pela liderança da igreja: a cada início de semestre, durante os cultos que acontecem aos domingos, o convite é feito. Também no material de divulgação, panfletos que ficam expostos em uma bancada na entrada do templo, há a informação sobre os encontros, que são apresentados como uma das atividades que a Comunidade promove a fim de que seus integrantes “desenvolvam a espiritualidade”, ou seja, pratiquem a fé que possuem: “durante a semana é importante nos conectarmos uns aos outros para aprofundarmos no que refletimos no domingo e especialmente para aprender formas de amar ao nosso próximo”.

⁴ Informação atualizada de 09/10/2018, fornecida pela liderança da Comunidade.

Cada grupo possui uma ou um líder, pessoa responsável por organizar e conduzir os encontros, especialmente a parte que é destinada à discussão de um conteúdo específico, o qual, via de regra, coincide com o assunto abordado no culto do domingo anterior, no momento que a Comunidade chama de “palestra”, também nominado de “mensagem” ou “pregação”, quando há a apresentação de algum texto bíblico e se discorre acerca de suas aplicações no dia-a-dia, ou há a proposição de alguma questão do cotidiano, como trabalho ou família, e se discorre sobre textos bíblicos que oferecem reflexões a respeito destes temas.

Nos cultos, a mensagem é geralmente trazida pelo pastor da Comunidade. Já na liderança de cada grupo, estão pessoas que frequentam a Comunidade e que normalmente têm um tempo maior de vida cristã – ou seja, o período de tempo vivido desde que alguém se converteu à fé cristã – as quais se dispuseram a exercer o papel de organizar e conduzir os encontros. Além disso, a cada líder de grupo cabe a função de cultivar o conceito do “pastoreamento mútuo”, que indica que cada pessoa é responsável por cuidar uma da outra, descentralizando da figura do pastor a exclusividade dessa tarefa.

Geralmente, as reuniões acontecem nas casas dos participantes do grupo (ou de apenas um deles, a depender do que é combinado entre os componentes), mas também podem ocorrer nas dependências da Comunidade, no mesmo salão onde é realizado o culto, em algum canto no qual se juntam algumas cadeiras e se coloca uma mesa no centro, ou em uma das salas que existem no local e que funcionam durante a semana, diuturnamente, como escritórios: para o trabalho pastoral e para a administração geral (secretaria).

O grupo do qual participamos na pesquisa, no qual nos concentraremos, é formado, com as possíveis variações mencionadas, por diferentes constituições familiares: casal entre 30-40 anos com filha entre 4-7 anos; casais entre 25-35 e 40-50 anos – sem filhos ou com filhos não participantes; mulher de 30-40 anos com filha entre 4-7 anos; mulher entre 20-30 anos; mulher entre 55-65 anos; casal entre 40-50 anos com filha entre 12-17 anos.

Os encontros acontecem às sextas-feiras e se iniciam a partir das 20 horas. À medida que chegam, as pessoas se cumprimentam, começam a conversar e a se alimentar, como em uma reunião comum familiar ou de amigos. Há um revezamento, estipulado por escala, para que os integrantes levem salgados, doces e bebidas (sucos, refrigerantes, cafés ou chás).

Nesse momento, diversos assuntos aparecem, paralelamente: duas ou três pessoas comentam sobre uma notícia que acabaram de ouvir no rádio enquanto estavam a caminho ou sobre a música nova lançada pela banda que gostam; outras duas ou três perguntam uma à

outra como estão, e fala-se sobre o cansaço advindo da semana de trabalho ou dos cuidados que tiveram que ser dispensados a alguém da família que ficou doente, sobre a raiva que se passou com alguma situação no dia anterior, sobre a preocupação com a política – local ou nacional – e suas pautas, ou sobre a alegria de ter conseguido resolver alguma situação sobre a qual já se tinha comentado da dificuldade para encontrar solução; também duas ou três pessoas falam concomitantemente sobre os preparativos para o aniversário da criança, e no celular são mostradas as fotos da decoração e das roupas pretendidas para o evento; em outro canto, por algum motivo, memórias vêm à tona e são contadas, histórias engraçadas ou tristes, familiares ou vividas com amigos – desde a forma como alguém se comportava na escola e seu desempenho como estudante até o porquê de algum trauma que se tem, gerado por uma atitude da mãe, do pai, da avó ou do irmão no passado; também há espaço para se comentar do calor ou do frio que está fazendo, do quanto os salgados da vez estão gostosos, dos sabores preferidos desde a infância ou daqueles que serão odiados eternamente.

Após cerca de 30 minutos, a pessoa líder chama a atenção para o início da conversa da qual todos participam, que é a discussão sobre o tema proposto. Geralmente às quartas-feiras, os integrantes recebem digitalmente um material que resume a mensagem abordada no culto do último domingo, por meio do aplicativo WhatsApp, no grupo dos participantes. Em forma de arquivo pdf, os materiais trazem textos bíblicos, junto a uma contextualização (como estes textos podem ser aplicados às situações cotidianas) e perguntas que intentam relacionar o conteúdo à vida pessoal de cada um, como: “você já passou por tal tipo de situação?” ou “você identifica no seu coração algo que é mais importante que todo o resto?”, apenas para citar dois exemplos. Assim, aos integrantes do grupo, é dada a possibilidade de chegar na reunião sabendo o que será discutido, e tendo refletido sobre possíveis respostas.

Encerrado o bate-papo coletivo, há um momento dedicado para que cada participante faça pedidos de oração, que são anotados por um dos integrantes no grupo do WhatsApp. Nessa hora, aqueles que querem têm a oportunidade de contar – dessa vez, com todos ouvindo, mas de forma resumida – as histórias por detrás dos pedidos, ou seja, comentar sobre as situações de vida que têm passado; dificuldades, desafios ou angústias que têm enfrentado; ansiedades e preocupações que os têm tomado. Também há aqueles que aproveitam não somente para pedir, mas para agradecer: a nota boa que se tirou nos estudos; a conclusão de uma reforma na casa; a recuperação da saúde de alguém querido. Anotados os pedidos e

agradecimentos, a líder ou o líder indica uma pessoa para encerrar oficialmente o encontro com uma oração, realizada em voz alta, em favor de tudo o que foi conversado e relatado.

O encerramento oficial acontece, geralmente, às 22h: duas horas de encontro, portanto. As pessoas já podem ir para suas casas: mas ainda há doces à mesa. As conversas informais e paralelas voltam a ser a dinâmica. Assuntos são retomados em um canto aqui ou acolá. Outros novos surgem. Algumas sextas-feiras quase se tornam sábados: é quase meia-noite quando as inúmeras tentativas de dar tchau logram efeito.

3.1 Por dentro dos pequenos grupos de fé

Até agora, destacamos os aspectos que estruturam e dão forma ao pequeno grupo de fé, discorrendo de maneira genérica sobre o desenvolvimento de suas reuniões. A partir daqui nos aprofundaremos nas teias de relações que se processam (Peruzzo, 2017) e emergem dos encontros, no intuito de evidenciar os elementos que podem se associar e responder aos questionamentos dessa pesquisa. Para tanto, apresentaremos de forma mais detalhada algumas situações vivenciadas durante os semestres de participação observante, as quais consideramos representativas do ponto de vista das possibilidades proporcionadas pelo grupo. Usaremos, para os relatos a seguir, nomes fictícios em substituição às identidades reais.

Situação 1: O tema da noite, de acordo com o material enviado no meio da semana, propõe a reflexão sobre como caminhamos na vida de acordo com aquilo que acreditamos sobre o mundo, e o quanto algumas de nossas visões de mundo podem gerar atitudes tóxicas, que são prejudiciais a nós e a outros. Gerson (40-50), o líder do grupo, inicia o bate-papo coletivo lendo o trecho de uma entrevista concedida pelo filósofo italiano Franco Berardi, publicada no site Outras Palavras em uma matéria intitulada “Neoliberalismo, assexualidade e desejo de morte”. O trecho traz o seguinte:

Em absoluto, não creio que a expressão “nativo digital” seja meramente metafórica. Pelo contrário, trata-se de uma definição capaz de nomear a mutação cognitiva contemporânea. A primeira geração conectiva, aquela que aprendeu mais palavras por meio de uma máquina do que pela voz da mãe, encontra-se numa condição verdadeiramente nova, sem precedentes na história do ser humano. É uma geração que perdeu a capacidade de valorização afetiva da comunicação, e que se vê obrigada a elaborar os fluxos semióticos em condições de isolamento e de concorrência. Em seu livro *L'ordine simbolico della madre* (A ordem simbólica da mãe), a filósofa

italiana Luisa Muraro argumenta que a relação entre significante e significado é garantida pela presença física e afetiva da mãe (Berardi, 2017).

Após a leitura, Thaís (30-40) comenta que não deixou sua filha (4-7) pegar um celular nas mãos ou assistir televisão enquanto era bebê, justamente por uma preocupação quanto aos efeitos disso. Eduardo (30-40), em seguida, comenta de sua dificuldade de desapegar do universo *online*. Os participantes do grupo vão emendando comentários. De repente, já não sabe mais porque se chegou a determinado assunto. Já é hora de encerrar o encontro.

Situação 2: Em um dos encontros, Larissa (12-17) está entediada e ansiosa. Acha uma caneta e, enquanto a conversa grupal se desenrola, a adolescente desenha em guardanapos de papel os rostos de alguns dos integrantes do grupo.

Situação 3: É o último dia de Maria (55-65) no grupo. Ela passará a frequentar reuniões que acontecem em uma casa mais próxima à dela. Maria fez churrasco. Todos são conduzidos não à sua sala, mas aos fundos da residência. Uma caixinha de som traz música ao ambiente. O bate-papo é livre, paralelo, simultâneo e nesse dia, é só. Churrasco.

Situação 4: A pergunta que guia a conversa da qual todos participam é: “Quando você olha para o seu ego, ele está superinflado ou murcho (desinflado)?”. Bianca (30-40) comenta que percebeu, refletindo durante a semana, que uma das características de sua personalidade tinha a ver com isso, pois fez relação entre o costume de se orgulhar e exibir suas conquistas com os traumas que vivenciou na adolescência, quando tinha poucas condições financeiras e sentia-se menosprezada até mesmo pelos olhares, na escola ou ao entrar em um ônibus. Tempos depois dessa reunião, Bianca comenta que, a partir daquele encontro, passou a trabalhar mais seus complexos, percebendo a ligação deles com suas ações.

Situação 5: Gabriela (4-7) chega, dá um abraço em Manoela (25-35) e convida: “vamos brincar?”. Manoela responde que ao fim da reunião, elas brincarão. Durante o encontro, Gabriela brinca silenciosamente com Vitor (30-40) – que ao mesmo tempo participa da discussão grupal – de adivinhar em qual mão está escondida a bolinha de papel. Na oração de encerramento, Gabriela já se aproxima de Manoela. Enquanto os adultos comem doces e se espalham em cantos, conversando, as duas brincam de esconde-esconde, pega-pega e lutinha. Manoela cansa e pede para brincarem de algo mais tranquilo. Gabriela começa a cantar, puxando a brincadeira: “lá em cima do piano, tinha um copo de veneno, quem bebeu, morreu, o culpado não fui eu...”.

Situação 6: O tema proposto para a reunião é religiosidade. Gerson (40-50), o líder, diz aos participantes que o assunto não será debatido, pois não há muito tempo, houve uma discussão semelhante, acerca do equilíbrio entre condutas morais a serem seguidas em razão dos conselhos bíblicos e a mensagem da graça de Deus, conceito cristão que indica que ninguém é melhor que o outro diante de Deus por causa daquilo que faz ou que deixa de fazer. No lugar da conversa acerca do conteúdo contido no material da semana, Gerson (40-50) propõe que cada um conte como foi a semana, o que aconteceu ou não, como cada um está. Eduardo (30-40) é o primeiro a falar: “olha, hoje cheguei aqui com o propósito de ficar bem quieto, mas já que essa pergunta foi feita... E outra, vocês me conhecem. Vocês iam perceber que alguma coisa de errado estava acontecendo. O fato é que eu e Natália voltamos a viver o perverso em casa. Nós não estamos bem e isso me deixa destruído, porque eu a amo, a amo muito e não queria isso, mas não estamos conseguindo nos entender. E o pior é que eu sei que a gente está passando isso pra nossa filha, a Gabriela está vendo nossos comportamentos... Isso é horrível”. Natália (30-40), a esposa, ouve cabisbaixa e deixando escorrer lágrimas. Logo após ela diz: “estou muito decepcionada por perceber que a gente volta a fazer coisas que fazia lá no início do casamento e tinha superado, com muito custo, e de repente explode, tudo aquilo que você aprendeu a lidar de outra maneira, a resolver com tranquilidade...”. Todos os ouvem atentamente e Célia (40-50) tenta consolá-los, dizendo que é comum passar por momentos assim, e que é encorajador ouvi-los. Gerson se levanta, coloca-se entre Eduardo e Natália, abraçando-os, convida todos a fecharem os olhos, e então ora por eles. Depois disso, a conversa continua. Os demais participantes contam sobre a semana vivida.

4. Considerações sobre as relações entre ambiente e comunicação

Na medida em que as religiões, de modo geral e nas posições hegemônicas, têm se inserido e/ou se compatibilizado com os fundamentos da mídiatização e, portanto, da lógica técnico-econômica (Miklos, 2010), essa pesquisa buscou atender à necessidade de se discutir meios para que a comunicação, dentro das esferas religiosas, seja compreendida e direcionada à vinculação e ao *religare*, contrapondo-se à incomunicabilidade e às distâncias interpessoais.

Por meio da participação observante (Peruzzo, 2017), realizada durante três semestres nos encontros de um pequeno grupo de fé, formado por pessoas que se reúnem semanalmente fora do espaço-tempo de culto oficial da igreja que frequentam – de vertente protestante –,

podemos observar a ocorrência de processos comunicacionais ecológicos, na contramão da predominante midiatização comunicativa em ambientes/grupos religiosos.

Na lógica técnico-econômica, a comunicação é vista como um processo instrumental, lucrativo e unidirecional. O foco está em efeito, conquista e acúmulo. Qualquer que seja a fé, em ambiências religiosas, essa racionalidade leva ao império dos monólogos e da tomada de poder, que buscam – em uma linguagem das midiatizações – formatar e editar (por meio do convencimento e do apoderamento) o outro, que já não é considerado pessoa, mas objeto.

Na quebra desse monopólio técnico-econômico, as possibilidades comunicativas ocorrem em ações de construção, composição, compartilhamento. Sobretudo, em ações que privilegiam a consciência da presença, das pessoas que são e estão. Não há uma programação rígida a ser seguida, monotemática e unilateral. Há corpos que se encontram e se manifestam, que se tocam e indicam uns aos outros sentimentos e direções.

Tudo isso podemos observar nas vivências do pequeno grupo de fé. Falas, abraços, perguntas, ouvidos, lágrimas, risos, desenhos e até desvios – de temas ou de atenção.

É certo que outras questões poderiam ainda ser aprofundadas quanto à comunicação e vida comunitária no pequeno grupo de fé. No que coube a este artigo e por ora, o que podemos afirmar é que há, no mínimo, uma vida compartilhada, com possibilidades de comunicação efetiva, em oposição a uma vida exibida, prevalecente na voga da midiatização.

Referências

Baitello Jr., Norval. (2002). As irmãs gêmeas: Comunicação e Incomunicação. Tribuna do Norte.

Baitello Jr., Norval. (2012). O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos.

Baitello Jr., Norval. (2017). Comunicação: as armadilhas das definições simplificadoras e/ou iluminadoras. Revista Líbero, São Paulo, ano XX, n. 39, p. 9-15.

Berardi, Franco. (2017). Entrevista a Juan Íñigo Ibáñez publicada em “Neoliberalismo, assexualidade e desejo de morte”. Portal Outras Palavras. Disponível em: <http://outraspalavras.net/posts/neoliberalismo-assexualidade-e-desejo-de-morte/>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

Boff, Leonardo. (2000). Tempo de Transcendência: O Ser Humano como um Projeto Infinito. São Paulo: Lumensana Publicações Eletrônicas: Sextante.

Cunha, Magali Nascimento. (2017). Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas.

- Miklos, Jorge. (2010). A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião. 145 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos de Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- Miklos, Jorge. (2012). A Ciber-Religião. A midiatização do sagrado e a sacralização da mídia. In: Anais Jornada de Mídias e Religiões. São Leopoldo: UNISINOS, 2012.
- Miklos, Jorge. (2013). Ciberperigração: O sacrifício do espaço. In: Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial, VIII. São Bernardo do Campo: Ecclesiocom.
- Miklos, Jorge; Rocco, Agnes de Sousa Arruda. (2018). Ecologia da Comunicação: desafios para a concepção de uma comunicação social cidadã. PAULUS: Revista de Comunicação da Fapcom. Vol. 2, n. 3, pp. 93-110.
- Peruzzo, Cicilia M. K. (2017). Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, Época III, Vol. XXIII, Número Especial III, pp. 161-190.
- Pichiguelli, Isabella Reis. (2011). Jornal Hoje: o humor na apresentação do telejornal sob a óptica das teorias da comunicação, da linguagem e da cultura do corpo. In: Oliveira Jr., José Martins de Oliveira et al (Orgs.). Os Múltiplos Olhares na Área da Pesquisa: da observação ao conhecimento. 1 ed. Sorocaba: EDUNISO, v. 1, p. 97-123.
- Pichiguelli, Isabella; Silva, Míriam Cristina Carlos. (2017a). Comunicação, Poesia e o Religare. Revista Comunicologia, Brasília, UCB, v. 10, n. 2, p. 3-18.
- Pichiguelli, Isabella; Silva, Míriam Cristina Carlos (2017b). Processos interculturais em Baby do Brasil – Caminhos para compreender o trânsito da cantora entre o gospel e o secular. Revista Contemporanea, Salvador, v. 15, n. 03, p. 900-917.
- Romano, Vicente. (2004). Ecología de la Comunicación. Hondarribia: Editorial Hiru.
- Scaranello, Isabella Reis Pichiguelli. (2017). Gospel e secular no jornalismo: a antropofagia da popstora Baby do Brasil. Dissertação de mestrado, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil.
- Silva, Míriam Cristina Carlos. (2018). Representações Poéticas da Morte nas Narrativas Midiáticas: Um Conto Chinês. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 1-17.